



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

15787 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - XV Reunião ANPEd Sul (2024)

ISSN: 2595-7945

Eixo Temático 12 - Filosofia da Educação

NEOLIBERALISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE
SUBJETIVIDADE E EXPERIÊNCIA.

Cinthia de Liz - UNIPLAC - Universidade do Planalto Catarinense

NEOLIBERALISMO NA EDUCAÇÃO INFANTIL: REFLEXÕES SOBRE SUBJETIVIDADE E EXPERIÊNCIA.

RESUMO: O estudo traz uma reflexão sobre a crescente influência do pensamento neoliberal nos ambientes escolares, especialmente na educação infantil, ao promover a escolarização precoce e paradigmas como “aprender a aprender” e “aprender para empreender”, transformando a educação num bem de consumo individualista. Baseia-se em uma revisão teórica e tem por objetivo subsidiar minha pesquisa de mestrado em andamento, que busca compreender como a experiência de filosofia com crianças pode provocar um novo olhar sobre o modo como elas são pensadas nas práticas curriculares da Educação Infantil. Discute-se como o neoliberalismo molda subjetividades e experiências infantis e pedagógicas, promovendo a competição e a auto-otimização, resultando em uma visão utilitarista da educação. Conclui-se que é necessário resistir à mercantilização da educação infantil, promovendo um ambiente educacional que valorize a singularidade, a criatividade e desafie a lógica neoliberal predominante.

PALAVRAS-CHAVE: Neoliberalismo. Filosofia da Infância. Experiência. Subjetividade. Educação Infantil.

Como educadora na área da infância observo a crescente influência do pensamento neoliberal nos ambientes escolares, especialmente na educação infantil. Tal influência se manifesta não apenas em discursos sociais, mas também em documentos que orientam as práticas pedagógicas, promovendo uma crescente escolarização da infância e enfatizando os paradigmas do “aprender a aprender” e do “aprender para empreender”. A educação tem sido comercializada, tornando-se um bem de consumo individualista, uma aquisição neoliberal de “experiências de aprendizagem” e “desenvolvimento de habilidades” que supostamente garantirão liberdade e sucesso financeiro na vida adulta.

Paralelamente, a sociedade contemporânea tem adotado uma visão utilitarista do conhecimento, considerando-o mera ferramenta para alcançar objetivos pessoais e

econômicos em detrimento de seu valor como direito humano e bem comum. Essa abordagem concebe a infância como uma etapa que visa o desenvolvimento cognitivo e habilidades pré-determinadas.

Este trabalho se propõe a realizar uma análise sobre o tema do neoliberalismo, explorando suas implicações na educação infantil. O objetivo deste resumo expandido é fornecer uma base teórica sólida para subsidiar minha pesquisa em andamento que busca compreender como uma experiência de filosofia com crianças pode provocar um novo olhar sobre o modo como elas são pensadas nas práticas curriculares da Educação Infantil.

A metodologia consiste em uma revisão teórica. As obras escolhidas evidenciam análises importantes sobre a influência do neoliberalismo na sociedade e na educação. Desenvolve-se uma discussão sobre as implicações dessas ideias para a prática pedagógica, explorando as tensões entre a lógica neoliberal e as possibilidades alternativas que permitem explorar um entendimento sobre os conceitos de experiência e subjetividade.

Os textos examinados tratam o neoliberalismo como uma estrutura abrangente que permeia todos os aspectos da vida humana. Nessa perspectiva, não se restringe a uma ideologia ou doutrina econômica isolada, mas é um modo de existência que molda a subjetividade dos indivíduos de acordo com seus princípios fundamentais. Dardot e Laval (2016) defendem a concepção do neoliberalismo como uma racionalidade que estrutura e organiza tanto a ação dos governantes quanto a conduta dos governados. Para eles o neoliberalismo é uma forma de pensar e agir, e a característica principal dessa racionalidade é a generalização da concorrência como norma de conduta, e a modelagem da subjetividade humana segundo o modelo da empresa.

Foucault (2008) examina como o neoliberalismo se manifesta no controle dos corpos e na gestão das populações. Argumenta que o neoliberalismo opera através de “técnicas de si”, defendendo a ideia de que enfatiza a liberdade individual e cria novas formas de controle social como incentivos ao empreendedorismo e à responsabilidade individual, reduzindo o papel do Estado na economia, promovendo competição e eficiência. Neste sentido, cria a ideia de que cada indivíduo é responsável por seu próprio sucesso e bem-estar. Isso coloca uma pressão adicional sobre os sujeitos quanto a seus desempenhos e preparação para uma sociedade competitiva e incerta, enquanto desmantela as estruturas de solidariedade e proteção social.

A escola, sob essa ótica neoliberal, é um espaço de “aprendizado” e produção de subjetividades alinhadas aos princípios neoliberais. A ênfase na liberdade e no autogoverno, embora aparentemente positiva, serve para legitimar uma lógica de desempenho incessante, na qual o sucesso individual é valorizado acima do bem-estar coletivo.

Han (2017) expande essa análise ao explorar as transformações subjetivas induzidas pelo neoliberalismo. Utiliza a concepção de “sociedade disciplinar” de Foucault para sustentar a tese de que não estamos mais sob a influência de uma sociedade disciplinar caracterizada por ordens e proibições, mas, sim, sob a influência de uma sociedade do desempenho, na qual os indivíduos são incentivados a se tornarem empreendedores de si mesmos, buscando constantemente a auto-otimização e o sucesso pessoal.

Essa lógica de desempenho tem se tornado cada vez mais presente na educação infantil,

na qual as crianças são incentivadas a se destacarem desde cedo, internalizando a ideia de que precisam ser melhores, mais rápidas e mais eficientes para alcançar o sucesso. A infância é, assim, moldada segundo os ditames da racionalidade neoliberal, transformando-se em um período de preparação intensiva para a competição futura. Isso reforça uma subjetividade narcísica, na qual o valor do indivíduo é medido por suas conquistas e capacidades de superar os outros.

As abordagens de Larrosa (2017) e Agamben (2005) questionam essa lógica utilitarista. Larrosa (2017) argumenta que a educação deveria ser um espaço de encontro com o outro e com o desconhecido, um lugar para a experiência e o jogo, no qual as crianças podem explorar o mundo sem a pressão de objetivos utilitaristas. Ele propõe uma pedagogia que valorize a subjetividade e a singularidade de cada criança, em oposição à padronização imposta pela lógica neoliberal. A experiência educativa, para Larrosa, é uma experiência de despossessão, que nos abre para o inesperado e para o outro, rompendo com a lógica de acumulação e controle que caracteriza o neoliberalismo.

Agamben (2005) explora a ideia de infância como uma condição existencial que está fora do tempo cronológico e da lógica produtiva. Ele vê a infância como um estado de potencialidade, no qual as possibilidades ainda não foram concretizadas e no qual o ser humano pode se libertar das imposições sociais. Essa visão contrasta fortemente com a abordagem neoliberal, que vê a infância como uma fase preparatória para a vida adulta e produtiva.

López (2022) complementa essa discussão ao criticar a concepção predominante de “aprendizagem” como uma apropriação privada do conhecimento, promovida pelo discurso neoliberal que transforma a educação em um produto comercializável e defende que o “estudo” deve ser visto como uso não apropriativo do bem comum. Essa perspectiva desafia a lógica neoliberal, promovendo uma educação que valorize o conhecimento pelo seu valor intrínseco e pela sua capacidade de transformar a sociedade.

A análise teórica realizada neste trabalho convida a uma reflexão profunda sobre os rumos da educação infantil e sobre as possibilidades de resistência à lógica neoliberal. Oferece ferramentas conceituais para repensar a educação como um espaço de liberdade, de encontro e de transformação, no qual as crianças podem ser vistas não como futuros trabalhadores, mas como seres humanos plenos, com direito à infância e à experiência. Essas discussões teóricas sustentam a necessidade de uma prática pedagógica que valorize a infância em si mesma, promovendo uma educação que respeite e celebre a subjetividade de cada criança. Elas apontam para a importância de criar espaços educativos que não estejam subordinados à lógica do mercado, mas que sejam verdadeiros lugares de encontro, de jogo e de aprendizado mútuo. Somente assim poderemos construir um futuro em que as crianças possam verdadeiramente experimentar e experienciar o mundo e contribuir para torná-lo melhor. É através desse compromisso com uma educação transformadora que podemos honrar o direito de sonhar.

REFERÊNCIAS

Agamben, Giorgio. **Infância e história: destruição da experiência e origem da história**. Belo

Horizonte: Ed. UFMG, 2005.

Dardot, Pierre; Laval, Christian. **A nova razão do mundo: ensaios sobre a sociedade neoliberal.** São Paulo: Boitempo, 2016.

Foucault, Michel, 1926-1984. **Nascimento da biopolítica: curso dado no Collège de France (1978-1979).** São Paulo: Martins Fontes, 2008.

Han, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

Kohan, Walter Omar. **Infância. Entre educação e filosofia.** Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

Larrosa, Jorge. **Pedagogia Profana: danças, piruetas e mascaradas.** 6 ed. Revista e ampliada. Coleção Educação: Experiência e sentido. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

López, Maximiliano Valerio. **O estudo como uso não apropriativo do bem comum.** In: CARVALHO, José Sérgio Fonseca de. *Jacques Rancière e a escola: educação, política e emancipação.* Belo Horizonte: Autêntica, 2022.

López, Maximiliano Valério. **Acontecimento e experiência no trabalho filosófico com crianças.** Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

López, Maximiliano Valério. **O conceito de experiência em Michel Foucault.** *Reflexão E Ação*, 19(2), 42-55, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.17058/rea.v19i2.2367> Acesso em 13/10/2023.

Masschelein, Jan. Simons, Maarten. **A pedagogia, a democracia, a escola.** Belo Horizonte: Autêntica, 2014.